

**SHOPPING CATUAÍ E SHOPPING ROYAL PLAZA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE REPRODUÇÃO
SIMPLES E AMPLIADA DO ESPAÇO NA
CIDADE DE LONDRINA PR ***

Fábio César Alves da CUNHA **

Resumo: Este texto tem como objetivos resgatar os conceitos de reprodução simples e ampliada do capital, e traçar a sua relação com a noção de reprodução simples e ampliada do espaço no processo de reprodução do espaço urbano, no centro e na zona sul da cidade de Londrina. A implantação de dois Shoppings de grande porte nestas áreas, nos últimos dez anos, serviu de elemento material, para o trato destas questões.

Palavras-Chave: reprodução simples e ampliada do capital; produção espacial; reprodução simples e ampliada do espaço.

Resumen: Este texto tiene como objetivos rescatar los conceptos de reproducción simple y ampliada del capital, y trazar su relación con la noción de reproducción simple y ampliada del espacio en el proceso de reproducción del espacio urbano, en el centro y en la zona sur de la ciudad de Londrina. La implantación de dos Shoppings de gran porte en estas áreas, em los últimos diez años, sirvió de elemento material, para el trato de estas cuestiones.

Palabras-llaves: reproducción simple y ampliada del capital; producción espacial; reproducción simple y ampliada del espacio.

* Texto elaborado como atividade da disciplina "Urbanização e produção da cidade" ministrada pela Profa. Maria Encarnação B. Sposito, no curso de pós-graduação em Geografia da FCT-UNESP - Campus de Presidente Prudente - SP, em 2001.

** Doutorando no curso de pós-graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP - 19060- 900, Presidente Prudente - SP - Brasil. Professor Assistente do Departamento de Geociências da UEL - Universidade Estadual de Londrina- PR - Brasil, e-mail: lucas@uel.br

O presente texto tem como finalidade fazer algumas considerações com relação à produção do espaço na zona sul da cidade de Londrina, uma região que nos últimos dez anos vem se mostrando como principal lócus de investimentos imobiliários, principalmente após a instalação do Shopping Center Catuaí no início da década de 90. Porém, durante o processo de confecção do mesmo, ficou claro a necessidade de se fazer uma análise sobre a noção de reprodução ampliada do espaço e se a mesma se realiza nesta área referida. Sem ter a pretensão de esgotar o assunto, mas de apenas contribuir com o desenvolvimento desta noção, optamos em iniciar pelo conceito de reprodução simples e ampliada do capital.

Corrêa (1991, p.73), propondo a noção de reprodução simples e ampliada do espaço, a relaciona com o conceito marxista de reprodução ampliada do capital: "Esta reprodução ampliada do espaço é uma expressão espacializada do processo de reprodução ampliada do capital, que se verifica simultaneamente à sua centralização e concentração [...]" (CORRÊA, 1991, p.73)

Faz-se necessário, buscar o entendimento deste conceito de enorme peso na teoria marxista, a reprodução ampliada do capital, para que se tenha uma base em que condição e de que forma este se relaciona com a noção de reprodução simples e ampliada do espaço.

1 - A REPRODUÇÃO AMPLIADA DO CAPITAL

Marx ao trabalhar com o processo de acumulação de capital insere e diferencia os conceitos de reprodução simples e reprodução ampliada do capital. Para este pensador, todo processo de produção é ao mesmo tempo processo de reprodução, devido à necessidade de continuidade, periodicidade e ininterrupção "Uma sociedade não pode parar de consumir nem de produzir" (MARX, [19-] p.659).

Para Marx, a acumulação do capital ocorre quando o capital investido na produção é recuperado pela venda dos produtos produzidos e acrescido pela mais valia extraída no processo, o trabalho não pago.

Pondo de lado a acumulação propriamente dita, a mera continuidade do processo de produção, isto é, a reprodução simples, transforma necessariamente qualquer capital, após um período mais ou menos longo, em capital acumulado ou mais valia capitalizada (MARX, [19-] p.663)

O que faz a diferença entre a reprodução simples da reprodução ampliada do capital é que na primeira, o capitalista consome toda a mais valia, já na segunda ele pode até consumir uma parte, porém uma outra parte da mais valia é incorporada ao capital produtivo, isto é, o "além" capital inicial obtido com a mais valia, é reinvestido no processo iniciando assim a reprodução ampliada.

Não importa que a reprodução simples seja substituída pela reprodução em escala ampliada, pela acumulação. Naquela, o capitalista consome toda a mais valia; nesta, patenteia sua virtude burguesa consumindo apenas uma parte da mais valia e transformando o resto em dinheiro (MARX, [19-] p. 681).

Quaini (1979), comentando sobre estes dois conceitos de Marx, destaca o caráter abstrato do processo de reprodução simples e deixa entendido que praticamente não se tem mais hoje este processo, e sim o processo de produção ampliada:

Aqui Marx introduz dois conceitos fundamentais: o de reprodução simples e o de acumulação ou reprodução ampliada. O primeiro parece ser, pelo menos à primeira vista, uma abstração (como o processo de trabalho simples): na realidade, de fato, não pode ocorrer "pura e simples repetição do processo de produção na mesma escala", pelo fato de que "esta simples repetição ou seja esta continuidade imprime ao processo certas características novas ou, melhor dito, dissolve as características aparentes que ele tinha como processo isolado" (Il Capitale, I,3.p. 10). O segundo conceito indica o processo de reprodução em escala progressiva, progressivamente mais ampla: "segundo a expressão de Sismondi, o ciclo da reprodução simples se modifica e se

transforma em forma de espiral" (idem, p.25). Este conceito, embora ligado ao primeiro, não comporta à primeira vista o mesmo grau de abstração, enquanto, por exemplo, corresponde à tendência histórica expansiva do capital, o qual, concretamente, opera a acumulação transformando em novo capital (novos meios de produção e novos meios de vida) uma parte do produto excedente social. (QUAINI, 1979, p.86)

O mesmo autor ainda argumenta que o desenvolvimento, a acumulação, ou o processo de reprodução ampliada estão inteiramente associados ao processo de dissolução da comunidade primitiva, como dois processos históricos estritamente solidários:

Se estabelecermos a equação reprodução da comunidade primitiva = reprodução simples (no sentido de reprodução das mesmas condições de produção, do mesmo potencial produtivo para as mesmas necessidades sociais) e, portanto a equação dissolução da comunidade primitiva = acumulação ou reprodução ampliada (isto é, produção em escala sempre mais ampla) damos um significado real e histórico ao conceito de reprodução simples. Assim fazendo, nos colocamos em condições de dar um sentido mais concreto à diferença essencial já sublinhada por Marx entre o caráter da produção na comunidade primitiva – cuja única finalidade é a reprodução do homem e da comunidade – e o caráter da produção nascida da dissolução da comunidade, na qual o homem não é mais finalidade da produção, mas finalidade é a riqueza, a acumulação, a produção para a produção. (QUAINI, 1979, p.93)

Santos, por sua vez, cita os dois conceitos ao comparar duas estratégias do planejamento capitalista direcionadas para o espaço rural, comenta: "Ambas são um passo em direção ao salto qualitativo que leva à mudança da reprodução simples, necessária à sobrevivência do grupo, a reprodução ampliada, necessária à acumulação". (SANTOS, 1979, p. 157).

O processo de reprodução ampliada do capital se constitui, portanto, como genuíno processo de reprodução capitalista, onde pelo menos uma parte da mais valia extraída pelo trabalho não pago é incorporada ao capital de investimento, que agora é acrescido, ampliado, diferenciando-se do capital do ciclo anterior. A sucessão de cada ciclo produtivo fará com que sempre se tenha um capital a mais a ser acrescentado, reproduzindo-se ampliadamente.

Já o processo de reprodução simples se configura como uma abstração no modo de produção capitalista, e ainda muito ligado a relações de produção pré-capitalistas.

2 - A REPRODUÇÃO SIMPLES E AMPLIADA DO ESPAÇO

Corrêa (1991, p. 72-73), ao trabalhar com organização espacial e reprodução, insere a noção de reprodução simples e ampliada do espaço.

Para este autor, os efeitos da ampliação do capital das empresas localizadas no centro da cidade, somados às deseconomias de aglomeração (tráfego, ausência de áreas para expansão, ou o alto preço da terra), traduzem-se na recriação de novas concentrações de atividades em áreas distantes do centro da cidade e dotadas de algumas vantagens locais como uma posição geográfica favorável.

Existe, de um lado, um processo de reprodução simples do espaço e, de outro, ampliada. No primeiro caso, um local de concentração de atividades, como o centro da cidade, expande-se vertical ou horizontalmente. Isto se dá pelo aparecimento de novas empresas que são agregadas ao espaço já constituído. No segundo caso, uma nova organização espacial é criada ou alterada pelo aparecimento de subcentros comerciais, cuja forma mais moderna é o shopping center (...). CORRÊA (1991, p. 73).

E acrescenta o autor:

Esta reprodução ampliada do espaço é uma expressão espacializada do processo de reprodução ampliada do capital, que se verifica simultaneamente à sua centralização e concentração: os subcentros comerciais cresceram a partir da instalação de filiais de empresas tradicionalmente localizadas no centro da cidade, como as lojas de eletrodomésticos, e a expensas das pequenas empresas comerciais dos bairros; nos shopping centers, só se arrenda o espaço de uma loja para uma empresa que já possua uma cadeia delas. Assim, reprodução ampliada do capital significa, no plano das empresas, uma centralização, mas no plano espacial representa uma descentralização recriadora. (CORRÊA 1991, p. 73).

Corrêa vincula a reprodução ampliada do espaço com a reprodução ampliada do capital, "sua centralização e concentração". Entretanto, a diferença que se ressalva entre a reprodução simples da ampliada do espaço é que na primeira este novo espaço é agregado a um já constituído, por outro lado, na reprodução ampliada, cria-se, ou altera-se uma organização espacial, pelo aparecimento de novos subcentros.

A diferença entre um e outro está no "agregado" da reprodução simples, com um novo espaço que é criado, ou alterado, portanto "não-agregado", da reprodução ampliada, o que traz a idéia de espaços contíguos e espaços descontíguos nesta diferenciação.

Visto desta forma, a reprodução ampliada do capital pode gerar uma reprodução simples ou uma reprodução ampliada do espaço, dependendo das condições da contigüidade, condições que determinarão se este novo espaço será contíguo, agregado, a um espaço (centro ou subcentro) já constituído, ou de forma contrária, inserido em um novo espaço, prevalecendo, as condições da descontigüidade.

A verticalização neste processo pode ser entendida como reprodução ampliada do espaço, se estiver inserida em um espaço descontíguo, caso contrário, como por exemplo, em uma malha urbana já pré-estabelecida, ela deve ser entendida como uma reprodução simples do espaço, que cresce não só como "mancha de óleo", mas também,

como "doce de leite" (que pela sua viscosidade ganha uma terceira dimensão ao ser derramado), a verticalização em si. Ora, esta linha de raciocínio é necessária se quisermos adotar o entendimento de Corrêa em relação à reprodução simples que é vista "[...] como um local de concentração de atividades, expande-se vertical ou horizontalmente". Entretanto, tal lógica traz uma certa inquietação, já que a própria verticalização é expressão por excelência de um espaço que se amplia.

Deixando as inquietações de lado e seguindo aquele entendimento, pode-se dizer que as condições de contigüidades ou descontigüidades estarão condicionadas as suas vantagens ou desvantagens que são oferecidas em cada caso.

As vantagens das condições da contigüidade acabam por gerar reprodução simples do espaço, já as vantagens das condições da descontigüidade geram a reprodução ampliada do espaço. Como vantagens da primeira pode-se citar a proximidade do mercado consumidor já constituído pelo maior fluxo de pessoas que circulam diariamente, e a infra-estrutura completa. No rol das desvantagens se destaca o alto IPTU, o congestionamento, o alto valor dos terrenos urbanos no centro da cidade, e a escassez de áreas para expansão. Entre as vantagens das condições da descontigüidade pode-se citar maior número de áreas para a expansão, menor IPTU, menor valor dos terrenos tanto para compra como para locação, por sua vez as desvantagens ficam com uma possível infra-estrutura incompleta e menor fluxo de consumidores.

Estas condições, suas vantagens e desvantagens é que determinarão se o espaço produzido será contíguo ou descontíguo, caracterizando uma reprodução simples ou ampliada do espaço.

Tais vantagens decorrem devido ao fato do espaço não ser homogêneo. O desenvolvimento da sociedade acirra ainda mais estas diferenças, dotando o espaço de recursos que se traduzem em vantagens se comparadas com outras áreas, isto, em todas as escalas, inclusive a urbana. A teoria das vantagens comparativas de Ricardo, ainda se mostra como importante referencial.

De todas estas condições pode-se dizer que a que mais pesa na determinação de um espaço a ser apropriado, organizado, produzido, é o custo em obter o direito de posse, isto é, o custo que é gerado pela propriedade privada da terra, que para Oliveira (1986 p. 80), é uma irracionalidade do próprio sistema capitalista: "revela a irracionalidade do método que retira capital do processo produtivo, imobilizando-o sob a forma de propriedade capitalista da terra". Embora o autor esteja se referindo ao espaço agrário, o mesmo entrave é percebido também quanto ao espaço urbano, onde os grandes empreendimentos exigem a união de vários capitais com a finalidade de contornar o problema.

Para Corrêa o Shopping Center é um bom exemplo: "O shopping center é, na verdade, o resultado da fusão de capitais vinculados primordialmente ao setor financeiro, imobiliário e comercial" (CORRÊA, 1991 p.73).

Destes três setores destaca-se o papel do setor imobiliário. Gottdiener ao trabalhar com espaço e acumulação utiliza o conceito Lefebvriano "setor secundário" para designar o papel exercido pelo mercado imobiliário:

É esse "circuito paralelo" à produção industrial que encarna a contradição da relação do capital com a moderna propriedade fundiária, que explica porque os bens imóveis e a moradia são caros, e que nos ajuda a entender o processo de acumulação de capital no espaço. (GOTTDIENER, 1997, p.185).

Desta forma, o setor imobiliário passa a ser importante sujeito no processo de produção do espaço. Entretanto, o mesmo autor salienta o caráter contraditório deste setor na acumulação de capital: "às vezes ajudando esse processo e outras obstruindo-o; a produção do espaço de assentamento é mais bem entendida como um processo contingente, anárquico, [...]" (GOTTDIENER, p. 192), sendo mais proveitoso estudar o papel deste setor, seu sistema de instituições e indivíduos envolvidos na transferência do imóvel por lucro, complementa o autor.

Segundo Singer (1980, p.78-79):

o uso do solo na economia capitalista é regulado pelo mecanismo de mercado, no qual se forma o preço desta mercadoria "sui-generis" que é o acesso à utilização do espaço (...). Os preços no mercado imobiliário tendem a ser determinados pelo que a demanda estiver disposta a pagar. (SINGER, 1980, p.78-79)

Este mecanismo de mercado tem um forte vínculo com as oscilações da taxa de juro no mercado de capitais. Para Oliveira (1986-A p.84): "quando esta taxa sobe, o preço da terra baixa e vice-versa".

O mesmo autor acrescenta que este comportamento se dá porque a terra, no Brasil particularmente, adquiriu o caráter de reserva de valor, ou seja, a terra é apropriada muitas vezes apenas com fins especulativos e não para produzir ou ser usada racionalmente.

A atuação do Estado é notadamente importante neste processo. Corrêa (1989, p. 26) se referindo ao Estado capitalista e a realidade brasileira, diz que sua ação vem sendo marcada pelos conflitos de interesses dos diferentes membros da sociedade de classes, bem como das alianças entre elas. Esta instituição, que também é um dos principais agentes na produção do espaço urbano, tende a privilegiar os interesses daquele segmento ou segmentos de classe dominante que, a cada momento, estão no poder.

O grau de atuação do Estado no desenvolvimento urbano, através das políticas de intervenções em transportes, vias públicas, habitação e outros serviços, contribuem para aumentar a rentabilidade do investimento em terras urbanas. Isso gera um interesse por parte dos especuladores imobiliários que vêm neste processo uma grande fonte de lucro.

Moraes (1984, p.184) salienta que o limite da ação do Estado acaba sendo traçado entre os interesses do capital de um lado e a pressão política dos habitantes do outro.

Ainda, Corrêa (1989, p. 25-26) complementa que esta complexa e variada gama de possibilidades de ação do Estado capitalista não se efetiva ao acaso e nem se processa de modo socialmente neutro, como se o Estado fosse uma instituição que governasse de acordo com a

racionalidade fundamentada nos princípios de equilíbrio social, econômico e espacial, pairando acima das classes sociais e seus conflitos.

A atuação do mercado imobiliário (setor secundário) e as diferentes formas de atuação do Estado, muitas vezes em precisa sintonia com este setor, também determinam as condições que geram vantagens na reprodução do espaço urbano ser contíguo ou não a um centro ou subcentro anteriormente instituído, podendo caracterizar-se como uma reprodução simples ou ampliada desse espaço.

3- SHOPPINGS CATUAÍ E SHOPPING ROYAL PLAZA: REPRODUÇÃO SIMPLES OU AMPLIADA DO ESPAÇO URBANO EM LONDRINA?

A inserção de Shopping Centers de grande porte na cidade de Londrina não é recente. Em outubro de 1973, Londrina ganhou seu primeiro Shopping com mais de 13.000 metros quadrados de área construída. O Com-Tour Shopping Center teve o mérito de ser o segundo Shopping do país, ficando atrás apenas do Iguatemi em São Paulo. Entretanto, durante o decorrer desta década e a de 80, apenas pequenos Shoppings foram construídos na cidade. Só em 1990 é que Londrina ganhou seu primeiro shopping moderno e de grande porte, o Catuaí Shopping Center.

O Shopping Catuaí, popularmente conhecido, foi inaugurado em novembro de 1990. Na época se destacava como um dos maiores da região sul do país. Com mais de 57.000 metros quadrados de área construída, 202 lojas (04 âncoras), estacionamento para 2074 vagas, 03 cinemas (hoje cinco), além de um hipermercado integrado ao projeto arquitetônico. O projeto contou com o financiamento da Caixa Econômica Federal, e causou grandes expectativas já em seu lançamento.

Entre todas suas características, a que mais chamou a atenção, foi sua localização. Diante da amplitude do projeto, o terreno escolhido a tal empreendimento se encontra em um local privilegiado da zona sul, uma região há muito valorizada pelas befeitorias paisagísticas da cidade, entre elas, o lago Igapó, cartão postal da cidade. Situando-se no

cruzamento entre a PR 445 (saída para Curitiba e a 03 km da Universidade Estadual de Londrina) e a avenida Madre Leonia Milito (continuação da avenida Higienópolis). Na época uma rua que gozava de ter apenas algumas quadras duplicadas.

Mas entre todas, a particularidade essencial desta localização, foi que era uma área descontínua à malha urbana da cidade, e que até aquele momento tinha uma função ainda agrícola. Desta forma, o Shopping Catuaí não foi inserido em um subcentro já constituído, mas foi a forma pioneira na produção e organização deste novo subcentro, catalisando vários outros investimentos para aquela região.

Destes investimentos destaca-se a duplicação da Avenida Madre Leonia Milito e a construção do Viaduto da PR445 sobre esta avenida, onde o Estado foi chamado para dar sua "contribuição" ao desenvolvimento daquela área. "[...] ao nível mais local é muitas vezes difícil separar as ações do setor público e do privado, tão inextricavelmente interligadas elas estão" (GOTTDIENER, 1997, p.201).

Dos empreendimentos recentes pode-se citar: a construção de um Centro de eventos; novos condomínios horizontais fechados, localizados num raio de até 8 km do Shopping; os condomínios verticais de alto padrão localizados próximos a Av. Madre Leonia e o Lago Igapó; os condomínios verticais mais populares e principalmente destinados a estudantes nas proximidades da Universidade Estadual de Londrina, batizados de "cidade universitária"; um número considerável de novos pontos comerciais e pelo menos mais dois shoppings de menor dimensão.

Tudo isso em uma área da zona sul que segundo Cunha (1991, p.84), se caracterizava no início da década de 90, como menos ocupada desta região, predominando chácaras e que, segundo pesquisas realizadas na época, já se encontravam em sua maioria nas mãos das grandes construtoras e empreendedoras de Londrina.

A construção do Shopping Catuaí no centro desta área, desagregada naquele momento não só do centro pioneiro, mas também da malha urbana da cidade de Londrina, caracteriza-se como uma reprodução ampliada do espaço, segundo a noção trabalhada neste texto.

Nove anos depois da construção deste primeiro Shopping moderno de grande porte, Londrina ganhou um outro Shopping Center,

este agora na área central da cidade, o Shopping Royal Plaza. Localizado praticamente no calçadão de Londrina, rua comercial que foi a estrada pioneira da época da colonização.

Com 19.500 metros quadrados de área construída, com mais de 170 lojas, 400 vagas de estacionamento e dois cinemas, o Shopping Royal Plaza se diferencia do Catuaí principalmente por não possuir âncoras e ser um shopping vertical-regional. Segundo Grassiotto (2000 p. 263), a localização deste shopping é sua maior âncora, a autora destaca o interesse por este empreendimento em seu lançamento, quando todas suas lojas foram comercializadas em 24 horas.

A diferença de um e outro projeto está muito ligada às condições específicas de cada um, como seus objetivos, público direcionado, condições de financiamento, agentes envolvidos, e principalmente espaços disponíveis. A questão da propriedade de um determinado espaço se constitui condição primordial para o desenvolvimento do projeto. É por esse motivo que muitas vezes o setor da propriedade é o próprio empreendedor, ou em última análise chamado a participar, dividindo benefícios, e, sobretudo, custos. Para Gottdiener (1997 p.226), este setor trabalha sem oposição, constituindo a linha de frente da produção do espaço típica do capitalismo tardio.

A articulação entre o setor da propriedade, o mercado imobiliário e o Estado, muitas vezes conta com a participação de líderes políticos, funcionários públicos, e cidadãos com interesses particulares. Formam o que Gottdiener (1997, p. 219-221) denomina de "coalizão de crescimento" que por sua vez constituem "redes de crescimento", possuem dimensão ideológica, econômica e, sobretudo, política. Para este autor, é precisamente a manipulação do espaço por interesses poderosos, como estas redes de crescimento, que produz aspectos singulares do ambiente construído.

A diferença crucial entre os dois shoppings aqui trabalhados, está no fato do Royal Plaza ser construído na área central da cidade, diferentemente do Catuaí, que foi inserido num espaço descontíguo à malha urbana. Só esta observação ajudaria a definir uma reprodução ampliada para o Shopping Catuaí e uma reprodução simples para o

Shopping Royal Plaza, se seguimos a linha de raciocínio aqui tratada. Entretanto, aceitar a verticalização do Royal como uma reprodução simples causa um certo desconforto, pois como foi colocado, a própria verticalização expressa uma reprodução ampliada.

A noção de reprodução simples e ampliada do espaço inserida por Corrêa, muitas vezes esquecida, merece uma maior atenção principalmente por parte dos estudiosos do espaço urbano brasileiro. Seu resgate se faz necessário pelo fato de representar um importante instrumental para a compreensão do espaço urbano. As questões colocadas neste texto demonstram que alguns pontos devem ser mais aprofundados, discutidos, e até revalidados se necessário, pois só assim será possível sanar algumas dúvidas que ainda pairam nesta importante noção.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA FILHO, J. Projeto cura no parque Guanabara. Uma política de renovação urbana em Londrina., 1985. Tese (Doutorado em Sociologia). USP, São Paulo.
- CARLOS, A. F. A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992
- _____. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994
- CORRÊA, Roberto L. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- _____. *O espaço urbano*, São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- _____. A periferia urbana, Geosul., Florianópolis.: vol. 1 n°2, P. 70-78, 1986.
- CUNHA, Fábio C. A. A produção do espaço – Zona sul de Londrina, 1991. Monografia (Bacharelado em Geografia) Depto. de Geociências-Uel, Londrina.
- GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1997.

GRASSIOTTO, Maria L. F. **Espaços Comerciais: A arquitetura em dois Shopping Centers de Londrina**, 2000. Dissertação (mestrado em arquitetura) FAU/USP e DAU/UEL, Londrina/São Paulo.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MARX, Karl. **O capital** – Crítica da economia política. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, livro I, vol. II, vol.2, [19-]

MORAES, Antonio C. R.; COSTA, Wanderley M. **A valorização do espaço**, São Paulo: Hucitec, 1984.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

_____. O preço da terra. **Orientação**, São Paulo, n.7, p. 83-86, 1986.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Ed. São Paulo, Hucitec, 1979.

SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas**. São Paulo: Ed.Paz e Terra, 1979.

SINGER, Paul. **O uso do solo urbano na economia capitalista**, **Boletim Paulista de Geografia**. AGB, São Paulo, n.57, p. 77-92, 1980.

_____. **Economia política da urbanização**, 7ª edição, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.